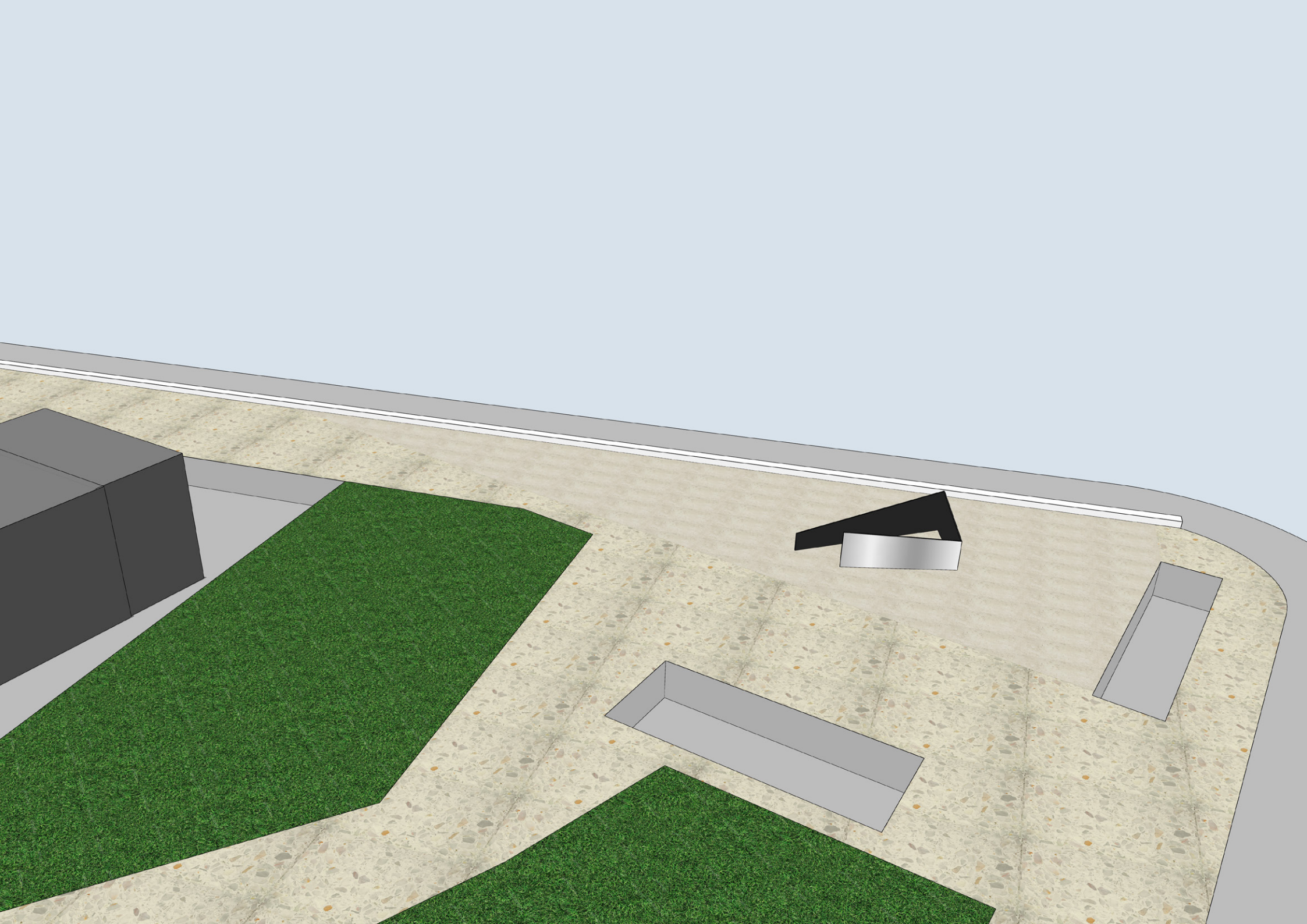
MEMORIAL DE HOMENAGEM ÀS PESSOAS ESCRAVIZADAS



OBJETIVO E DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROJETO

O projeto para a construção do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas, que apresento para essa candidatura, consiste na construção de uma intervenção artística site-specific a ser colocada no Largo José Saramago, na cidade de Lisboa, Portugal. A intervenção integrará o projeto idealizado por Djass – Associação de Afrodescendentes.

Pensado como um espaço para representar a Escravidão de uma forma ampla, o memorial tem como objetivo estabelecer uma ligação entre passado e presente, convidando o público a reflexão sobre as violências e violações coloniais, bem como a sua continuidade e reinvenção nos dias atuais. Por isso, o projeto de construção do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas foi elaborado com uma peça de significativa presença urbana com características participativas, formando assim, ao mesmo tempo, um lugar de reverência e luto; uma arena de encontros e reuniões; um espaço espiritual e de rituais. Um memorial para celebrar a resistência e as heranças culturais africanas, e para inspirar as novas lutas e conquistas das comunidades de afrodescendentes portugueses e de outras partes do mundo.

O Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas dá continuidade a minha pesquisa sobre a história da colonização portuguesa no Brasil, e a sua continuidade histórica presente nas diversas formas de discriminação estrutural, como o racismo, o genocídio da juventude negra, a violência policial e as demais opressões que se seguiram à escravidão e que dela constituem um legado.

Portanto, para a elaboração do projeto para a construção do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas, foram elencados alguns elementos formais e conceituais retirados desta longa pesquisa histórica e iconográfica que venho realizando desde 2014.

O desenho do memorial se apoia em duas formas geométricas básicas: o triângulo e o círculo. Retiradas de pesquisas iconográficas sobre símbolos religiosos, e de luta e resistência das comunidades afrodescendentes, as formas que dão base para a construção do memorial pretendem celebrar e elevar a dignidade e a história de resistência e luta política das pessoas escravizadas, e a continuidade desses embates nas comunidades de afrodescendentes.

De naturezas diferentes, as duas formas geométricas são utilizadas neste projeto para potencializarem e aprofundarem os debates e reflexões sobre a escravidão e os seus legados. Por isso, serão criados dois ambientes distintos:

- O lado externo da intervenção é composto por 3 placas de ferro com alturas diferentes e com 10 cm de espessura. Colocadas no chão seguindo a forma triangular que delimita a área para implantação do memorial, estas placas darão forma a uma estrutura triangular, na qual o público poderá adentrar. Estas placas/paredes serão construídas de aço inoxidável polido, pois intenta-se que o espectador se veja refletido nesta superfície. Criando assim, a um só tempo, um lugar de representação digna das pessoas

negras, que por muitos anos foram invisibilizadas dos espaços oficiais de memória; e um lugar para reflexão sobre a participação dos portugueses na escravização de pessoas, na continuidade das praticas opressoras nos dias atuais.

- Ao adentrarem o interior triângulo, por uma abertura em um dos vértices, o público se deparará com um outro ambiente. Do lado de dentro do memorial as paredes não são revestidas de aço inoxidável polido, pois o intuito deste outro ambiente do memorial é o silêncio e a contemplação. As paredes serão pintadas de preto. No centro do triângulo encontra-se uma forma circular composta por bancos feito de madeira (com tratamento para ambientes externos). Estes bancos são um convite para a a prece, para o silêncio e a espiritualidade. Um espaço para o culto e força regeneradora e democrática dos encontros. Um espaço de acolhimento e reconhecimento. No centro desse circulo, poderão ser programados debates, rodas de conversa, pequenas apresentações musicais, recitais de poesia, etc. Na parede oposta à entrada do memorial, serão escritas, com tinta branca, palavras que também representem a resistência de africanas e africanos contra a escravidão, em português e algumas línguas africanas - resistência que não se encerrou com a era colonial e segue nos dias correntes, em outras e novas frentes. Desse modo, o memorial se configurará com um lugar de fala para as pessoas que são usualmente marginalizadas do tecido social nacional; um espaço para a manifestação do direito ao espaço público, à palavra, à livre expressão, ao pensamento crítico e a encontros democráticos.

Por tanto, e entendendo os pressupostos apresentados nos Termos de Referência para construção do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas, decidi integrar mais pessoas na construção do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas. Por isso, a escolha das palavras será realizada a partir de 3 dias de workshops com as comunidades africanas e de afrodescendentes que participarão do processo decisório da escolha da proposta de memorial a ser executada. Estes workshops serão conduzidos pelo artista Jaime Lauriano e pelo curador e antropólogo brasileiro Hélio Menezes, que organizarão, também, como parte da semana de inauguração do memorial um ciclo de seminários com intelectuais, ativistas, artistas que refletem o colonialismo/escravidão nos diferentes territórios colonizados por Portugal. Em nome da isonomia, e por entender a dimensão publica e democrática do processo de escolha da proposta a ser executada, deixo com a comissão organizadora a decisão de suprimir, ou não, essa parte do projeto. Por isso, deixarei esse paragrafo destacado dos demais parágrafos explicativos do projeto.

JUSTIFICATIVA

O projeto para a construção do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas tem como base conceitual e formal algumas investigações que venho desenvolvendo nos últimos 5 anos. Desde 2014, oriento a minha pesquisa e prática artística para entender a história da colonização portuguesa no Brasil, e como este passado se faz violentamente presente na sociedade contemporânea brasileira, com reflexos e dinâmicas próprias também do lado de cá do Atlântico, em Lisboa. Mesmo tendo como foco de pesquisa o legado das violências - e violações - escravocratas na sociedade brasileira, acredito que meus trabalhos e ações politicas reverberam, também, as violências - e violações - sofridas por outros países colonizados por Portugal, dadas as muitas similaridades quem unem localidades como Salvador, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro ou Praia. Portanto, desenvolver uma proposta para a criação de um Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas, a ser colocada no Largo José Saramago, na cidade de Lisboa, Portugal, é uma importante oportunidade para expandir a circulação das minhas pesquisas e reflexões, possibilitando, assim, ampliar o público que acessa o meu trabalho, e também estabelecer novas conexões com movimentos sociais, intelectuais e ativistas da causa afrodescendente de Portugal e de outras partes do mundo, abrindo um espaço - literal e simbólico - de diálogo entre realidades transformadas pela colonização portuguesa e aproximadas pelo tráfico transatlântico de pessoas escravizadas.

Partindo da área delimitada para a implantação do memorial, no Largo José Saramago, e de alguns elementos presentes em meus trabalhos, comecei a desenvolver os aspectos formais que nortearam a construção deste projeto:

Triângulo

O primeiro desses aspectos é a forma triangular que delimita a área para implantação do memorial. Presente em mapas, textos e ilustrações que retratam as Invasões Portuguesas ao chamado “Novo Mundo”, o triângulo demarcava as zonas de atuação do comércio escravocrata entre Europa, África e América. Em cada ponto do triângulo, uma mercadoria era trocada por outra. Armas e munições vindas da Europa eram trocadas, na África, por pessoas para trabalharem em situação de escravização; escravizados eram vendidos na América para trabalharem nas plantações; os produtos oriundos das plantações retornavam para os colonizadores europeus, que compravam armas e munições para, assim, reiniciarem a cadeia mercantil escravocrata. Assim, o triângulo comercial se auto abastecia. Era o chamado “Triângulo Atlântico”, que definiu rotas e caminhos do comércio de mercadorias e do tráfico de pessoas escravizadas, cuja instalação em formato triangular faz referência.

Imagem refletida

A inclusão da imagem do público no memorial foi um dos aspectos importantes para a construção deste projeto. Dificilmente são encontradas, nos livros históricos hegemônicos e oficiais, representações e registros, sejam através de imagens e textos, das vidas cotidianas de africanas e africanos escravizados. Comumente, as pessoas escravizadas eram representadas como troféus e objetos para demonstração colonial de

poder. Este apagamento, fruto de uma estratégia de desumanização, contribuiu para a naturalização das violências físicas, simbólicas e emocionais, cometidas durante séculos, e repetidas até os dias atuais, em outras formas, sobre corpos de africanos e afrodescendentes. Por isso, a inclusão da imagem refletida do público no memorial cria ao mesmo tempo um lugar de representatividade e de peregrinação (para pessoas africanos e afrodescendentes), e também um lugar de reflexão sobre as heranças coloniais. Contribuindo assim para que outros sujeitos, em geral silenciados ou esquecidos pelos manuais e livros didáticos sejam (e se sintam) incluídos nas narrativas históricas e memoriais públicos.

Palavras

Outro aspecto importante a ser considerado para a elaboração do projeto para a construção do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas é sublinhar como o tráfico de pessoas deixou marcas no campo da linguagem, imprimindo novas palavras e outros signos à própria língua portuguesa, de como o vocabulário utilizado para a construção e transmissão da narrativa hegemônica sobre as navegações portuguesas é mais uma das muitas maneiras de invizibilizar os crimes cometidos no período colonial. Dificilmente encontramos livros didáticos que relatam as navegações como um empreendimento de invasão de territórios; genocídio de comunidades; dizimação de culturas; e comercialização de pessoas. Ao contrário, o que se encontra nos livros didáticos são exaltações desses empreendimentos como descobrimentos, que levavam civilidade para os povos bárbaros e carentes de modernizações. Assim, era justificada a escravidão e todo o tipo de violência empregada nos corpos de africanos, e povos originários, que eram escravizados e forçados a trabalharem até a morte.

Materiais

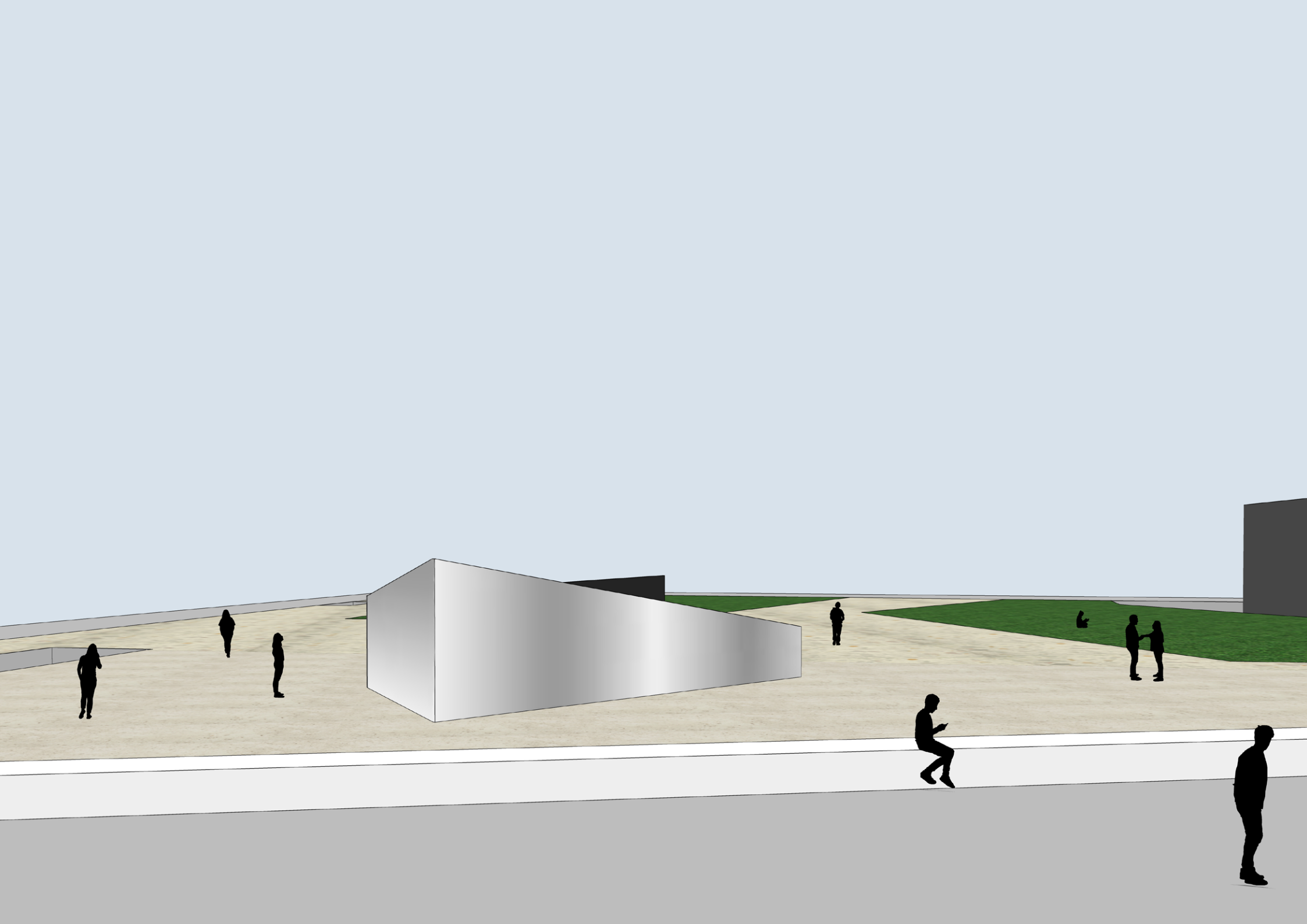
A escolha dos materiais para a construção do memorial foi um dos aspectos primordiais para a confecção deste projeto. O ferro e a madeira ocuparam um papel preponderante para a sedimentação da colonização portuguesa ao redor do mundo. Seja no trabalho forçado nas plantações de pau-brasil, nos jazigos e em outras atividades da mineração, a economia do Império Português foi se estabelecendo a partir do aumento contínuo da violência colonial. Outra faceta perversa do uso destes materiais se deu a partir da construção de instrumento de aprisionamento, suplicio e tortura aos corpos de africanas e africanos escravizados. Pois, tanto a madeira dos navios que traficaram dezenas de milhões de pessoas escravizadas, como o ferro dos objetos de sevicia, evidenciam a perversidade da violência colonial, que em certa medida utilizou a própria material prima obtida pelo trabalho escravo para a construção dos instrumentos de castigo e aprisionamento a que estes corpos eram submetidos. Porém, como forma de resistência estes mesmos materiais foram transformados, pelas mãos de africanas e africanos, em instrumentos de afirmação das suas existências. Seja em tambores, esculturas, ferragens religiosas e quilombos, foram surgindo novas, e potentes, formas de construir um lugar para a memória e dignidade das pessoas que foram arrancadas de suas terras.

Círculo

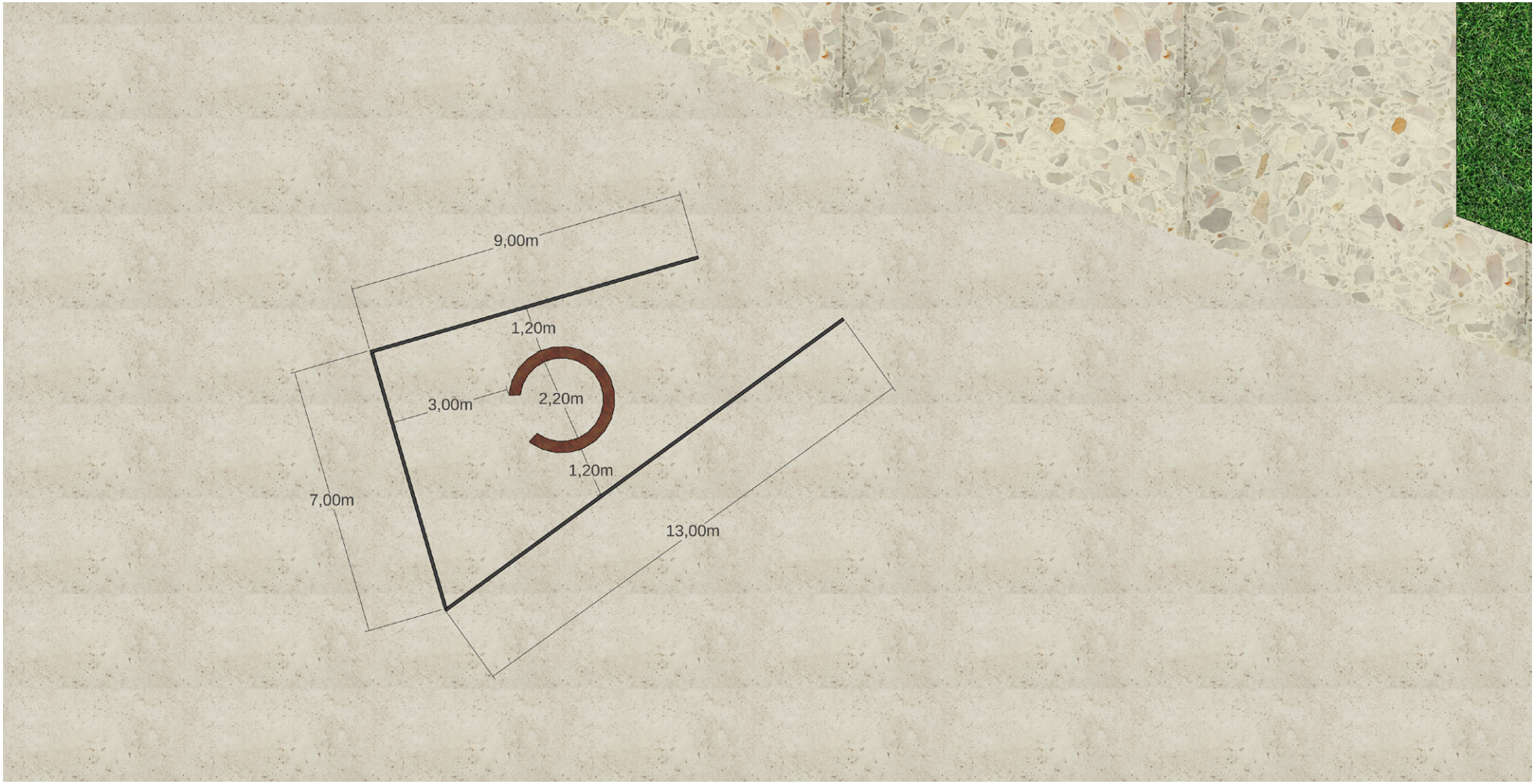
O último aspecto importante para a confecção do projeto para a construção do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas é evidenciar que as diferentes estratégias de resistência criadas por africanas e africanos contra a opressão da escravatura encontram-se presentes tanto na economia,

cultura e sociedade portuguesas, como na dos outros países colonizados por Portugal. Essas estratégias, frutos da violência colonial, muitas vezes eram praticadas em espaços internos e de acolhimento criados como maneiras de preservação da cultura e da identidade de milhares de pessoas sequestradas para trabalharem em situação de escravização. Porém, devido ao apagamento sistêmico da presença dos afrodescendentes nas sociedades da diáspora africana, atualmente algumas dessas estratégias estão desassociadas da herança que as africanas e os africanos trouxeram para Portugal e para os outros países colonizados. O formato circular evoca e edifica um espaço sem degraus, hierarquias ou barreiras, de livre circulação de ideias e horizontalidade do olhar - no círculo, todos os presentes se enxergam de frente. O círculo ecoa, ainda, os formatos arquitetônicos circulares das comunidades quilombolas que surgiram no “Novo Mundo” em resistência à escravidão, bem como ao círculo que está presente na maioria das manifestações culturais afrodescendentes, como as rodas de samba, rodas de capoeira, o formato circular dos terreiros de religiões de matriz africana (como o candomblé e a umbanda, que acontecem, via de regra, em cultos circulares).

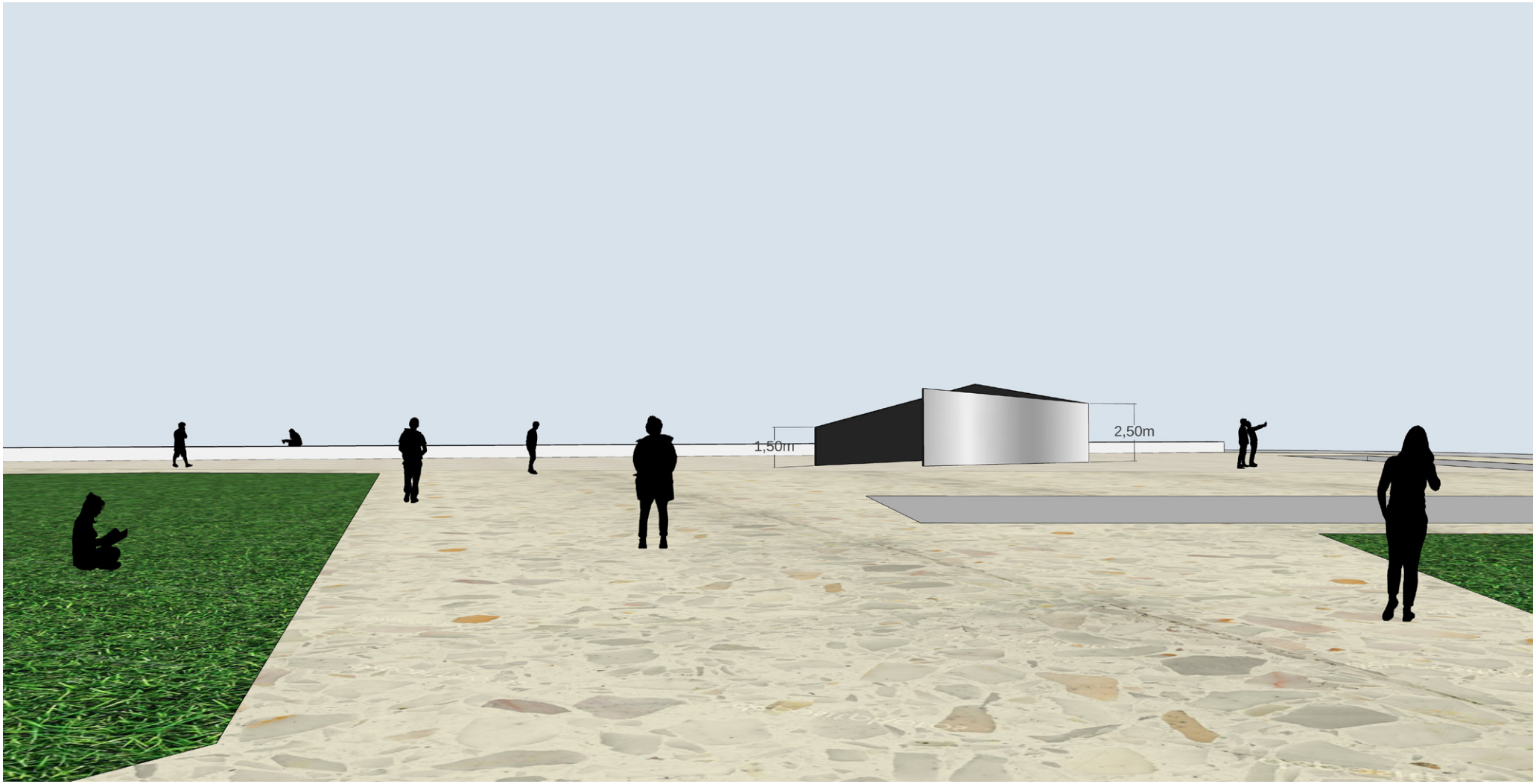
Por isso, o Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas se coloca ao lado de outras iniciativas ao redor do mundo que estão repensando o passado e a herança coloniais não somente à luz das violências - e violações - a que foram submetidos africanos e africanas escravizadas. Pois, se nos “tumbeiros” foram transportadas pessoas para trabalharem em situação de escravização, foram transportadas com elas também filosofias, teorias, religiões, plantas, práticas corporais, ritmos e experiências que não se restringiram às fronteiras e margens delineadas pelos europeus que colonizaram o chamado “Novo Mundo. Notícias do Haiti logo alcançaram as Américas e exemplos de rebeldes geraram alvoroço nas várias pontas que esse comércio negreiro criou. Da mesma maneira que uma insurreição no Brasil logo alcançou os Estados Unidos, projetos idealizados na Jamaica se inseriram em nosso país. No século XX, com as experiências conectadas de lutas por cidadania, direitos civis, igualdade racial e movimentos antirracistas, o Memorial não poderia ser diferente.



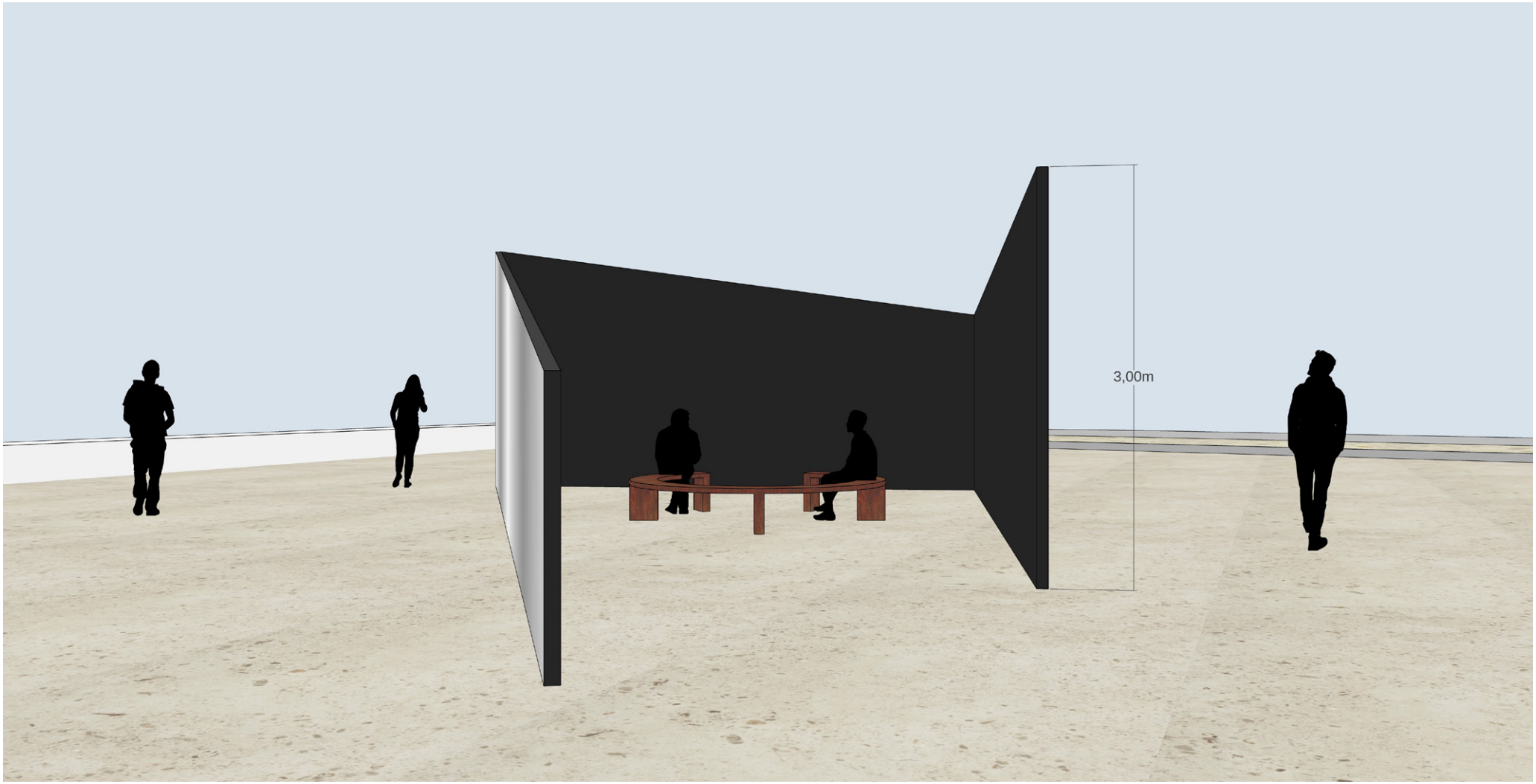
Desenhos e planta de implantação



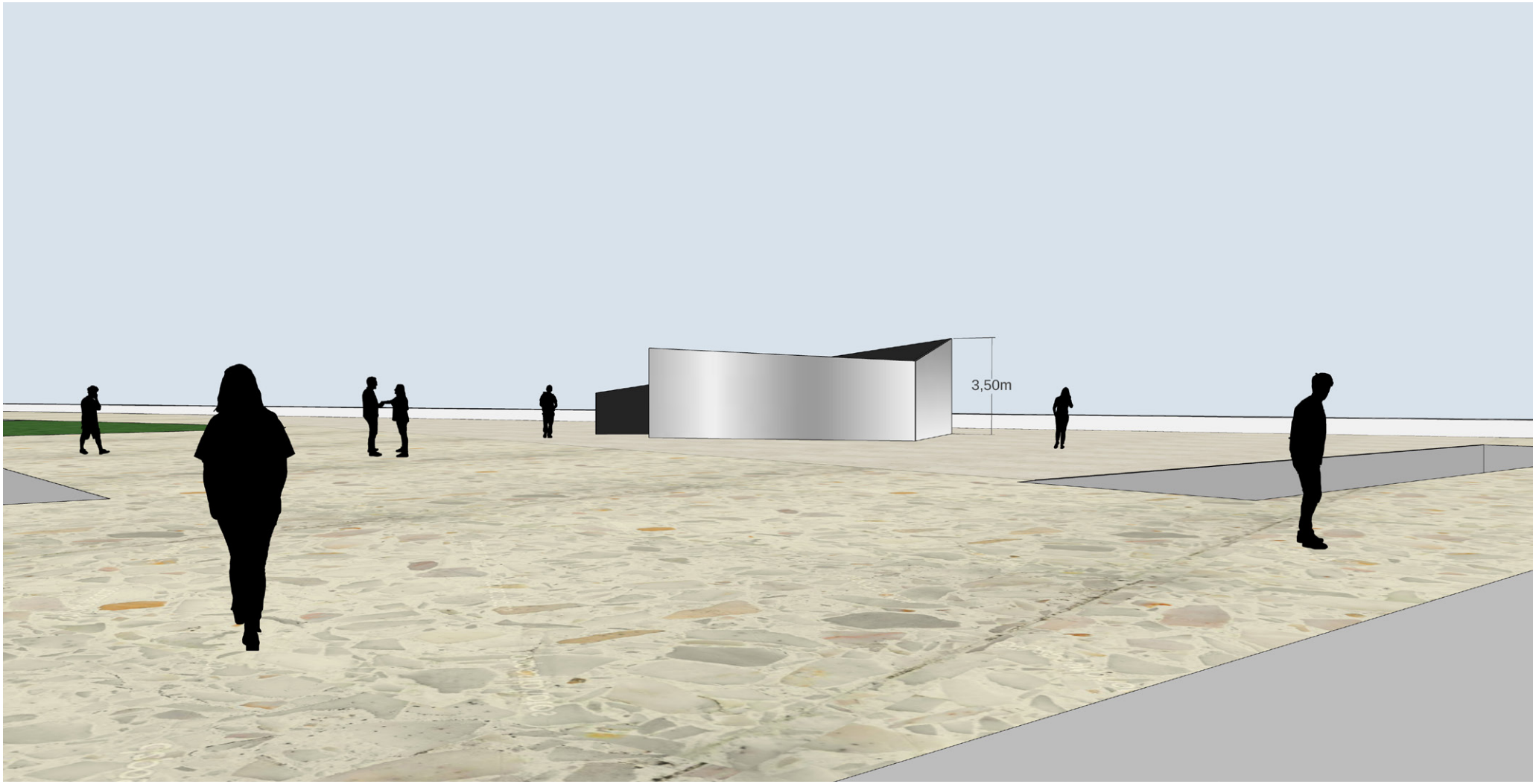
Planta de implantação do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas



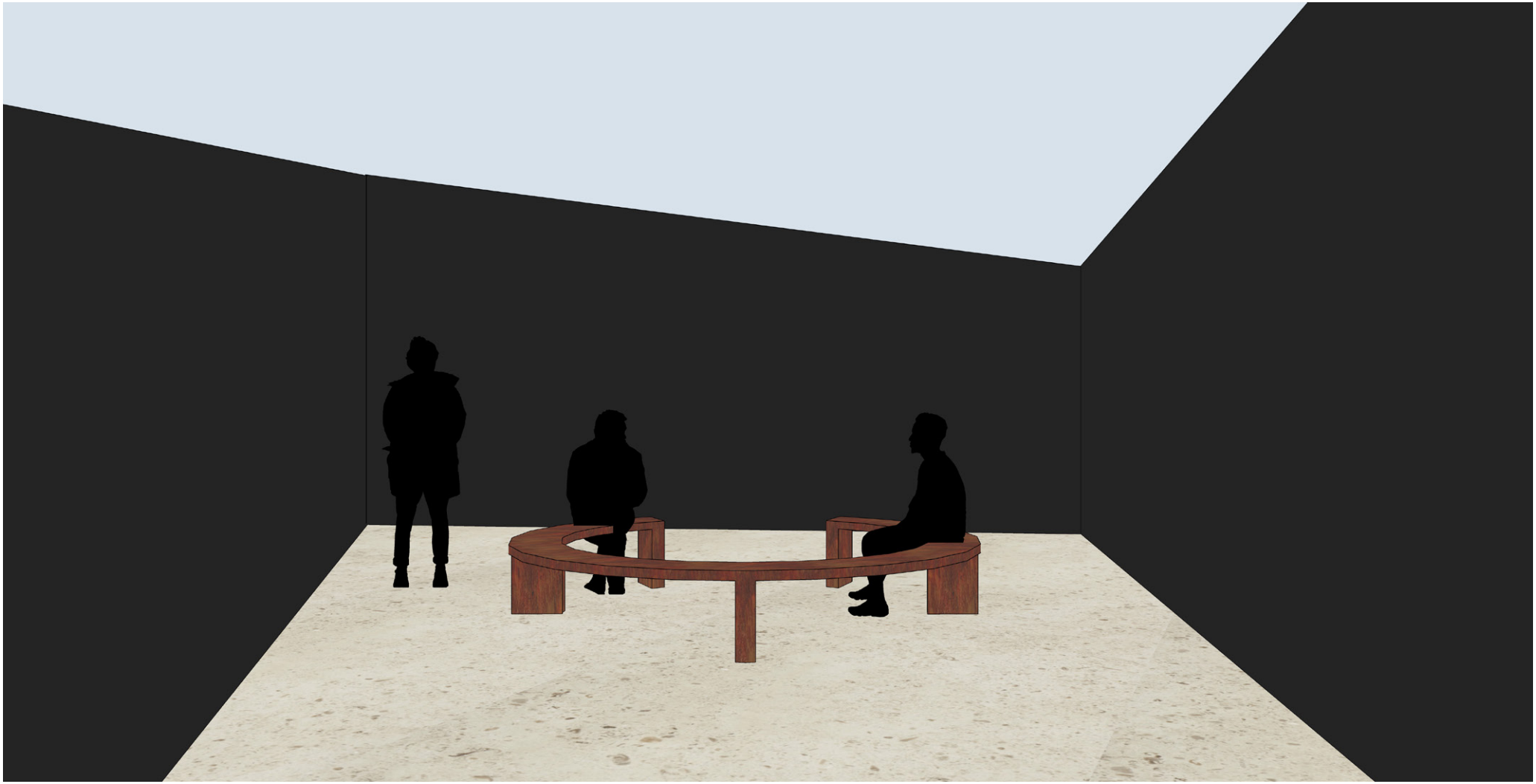
Vista frontal do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas



Vista da entrada do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas - detalhe das alturas diferentes das paredes do memorial



Vista da entrada do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas - detalhe das alturas diferentes das paredes do memorial



Vista do interior do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas - detalhe da parede a ser preenchida com palavras pintadas de branco

Jaime Lauriano (São Paulo, 1985) vive e trabalha entre Porto/Portugal e São Paulo/Brasil. Graduou-se pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, no ano de 2010. Entre suas exposições mais recentes, destacam-se as individuais: Marcas, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil, 2018; Ao Norte do Rio, Sesc Santana, São Paulo, Brasil, 2018; Brinquedo de furar moletom, MAC Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, 2018; Assentamento, Galeria Leme, São Paulo, Brasil, 2019; Nessa terra, em se plantando, tudo dá, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil, 2015; Autorretrato em Branco sobre Preto, Galeria leme, São Paulo, Brasil, 2015; Impedimento, Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil, 2014; Em Exposição, Sesc, São Paulo, Brasil, 2013; e as coletivas: Vaivém, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, Brasil, 2019; A Queda do Céu, CAIXA Cultural Brasília, Brasília, Brasil, 2019; Quem não luta tá morto – arte democracia utopia, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2018; Histórias Afro-Atlânticas, MASP e Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2018; The World's Game: Fútbol and Contemporary Art, Pérez Art Museum Miami, Miami, EUA, 2018; 11ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, Triângulo do Atlântico, Porto Alegre, Brasil, 2018; Levantes, SESC Pinheiros, São Paulo, Brasil, 2017; Festival de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil, São Paulo, Brasil, 2017; Metrópole: Experiência Paulistana, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil, 2017; WELT KOMPAKT?, frei_raum Q21, Viena, Austria, 2017; How to Remain Silent, A4 Arts Foundation, Cidade do Cabo, África do Sul, 2017; Totemonumento, Galeria Leme, São Paulo, Brasil, 2016; 10TH Bamako Encouters, Museu Nacional, Bamako, Mali, 2015; Empresa Colonial, Caixa Cultural, São Paulo, Brasil, 2015; Frente a Euforia, Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo, Brasil, 2015; Tatu: futebol, adversidade e cultura da caatinga, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil, 2014; Taipa-Tapume, Galeria Leme, São Paulo, Brasil, 2014; Espaços Independentes: A Alma É O Segredo Do Negócio, Funarte, São Paulo, Brasil, 2013; possui trabalhos nas coleções públicas Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; MAC Niterói, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; MAR – Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil; MASP – Museu de Arte de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu Casa das Onze Janelas, Belem, Pará, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil e Schoepflin Stiftung: The Collection, Lörrach, Alemanha. Com trabalhos marcados por um exercício de síntese entre o conteúdo de suas pesquisas e estratégias de formalização, Jaime Lauriano nos convoca a examinar as estruturas de poder contidas na produção da História. Em peças audiovisuais, objetos e textos críticos, Lauriano evidencia como as violentas relações mantidas entre instituições de poder e controle do Estado – como polícias, presídios, embaixadas, fronteiras – e sujeitos moldam os processos de subjetivação da sociedade. Assim, sua produção busca trazer à superfície traumas históricos relegados ao passado, aos arquivos confinados, em uma proposta de revisão e reelaboração coletiva da História.